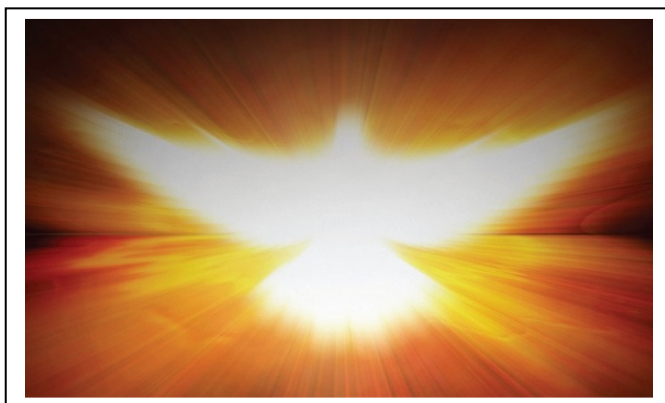


QUAL O VERDADEIRO SIGNIFICADO DE “BLASFEMAR CONTRA O ESPÍRITO SANTO”?



*“Em verdade vos digo: Todos os pecados serão perdoados aos filhos dos homens, bem como todas as blasfêmias que proferirem, mas **quem blasfemar contra o Espírito Santo nunca mais terá perdão**; mas será culpado de pecado eterno.”* (Marcos 3.28-29; cf. Mateus 12.31-32 – Almeida Século 21)

A blasfêmia contra o Espírito Santo é um assunto frequentemente discutido entre os evangélicos, principalmente entre aqueles oriundos de igrejas pentecostais. Ainda

assim, quando esse tema é trabalhado, na maioria das vezes ele aparece envolto por interpretações distorcidas ou equivocadas. Isso acontece porque a declaração do Senhor Jesus, sobre a blasfêmia contra o Espírito Santo, comumente é analisada fora do contexto geral da fala do Mestre. E como bem sabemos, um texto fora do seu contexto é sempre um pretexto para a construção de heresias. De forma que a verdadeira teologia bíblica é aquela que argumenta em prol da verdade, com uma visão histórica, eclesiástica, filosófica e ética, não desprezando os ouvintes ou leitores originais, para quem as palavras ou os escritos estavam sendo dirigidos, respectivamente. E a passagem bíblica acima não foge a essa regra, como veremos a seguir.

Uma leitura meticulosa do capítulo 3 do Evangelho segundo a narrativa de Marcos, dentro o seu respectivo contexto, nos mostra o Senhor Jesus sendo confrontado por seus oponentes, que estão ansiosos por encontrar alguma base para acusa-lo (cf. Marcos 3.2). Cristo ignora o desafio e cura um homem com uma das mãos atrofiada (cf. Marcos 3.5). Algum tempo depois, em um novo embate, os adversários do Senhor Jesus o acusam agir através do poder de Satanás (cf. Marcos 3.22) e também de estar *“possuído por um espírito impuro”* (cf. Marcos 3.30). Jesus ridiculariza esses argumentos (cf. Marcos 3.23-27), mas anuncia que a blasfêmia do grupo (de escribas) contra o Espírito Santo (através do qual o Senhor Jesus verdadeiramente agia, cf. Lucas 4.14) revela uma atitude intransigente que irá condenar todos seus membros de maneira categórica (cf. Marcos 3.28-30). Isso porque, em virtude do Espírito Santo ser o agente de Deus na realização das expulsões de demônios, atribuí-las a Satanás era blasfemar contra o Espírito Santo, o que era um pecado eterno, visto que produzia consequências eternas.

O termo “blasfêmia”, do grego βλασφημία (*blasphemía*), significa “falar de modo ofensivo, injuriar, insultar, caluniar”¹. **Blasfemar contra o Espírito Santo é atribuir ao Diabo uma ação operada pelo Espírito Santo de Deus.** É “falar de modo ofensivo”, ofendendo a santidade de Deus e O comparando com o inimigo de nossas almas. O termo “blasfemar”, no texto em questão, não quer dizer linguagem de baixo calão, mas hostilidade provocadora. É como você chamar um policial honesto de ladrão. Você o estaria acusando de ser alguém para o qual ele foi chamado a combater. Da mesma forma “para isto o Filho de Deus se manifestou: para destruir as obras do Diabo” (1João 3.8). Acusá-Lo de fazer o oposto é blasfemar contra o Espírito Santo, também chamado de Espírito de Jesus (cf. Atos 16.7; Filipenses 1.19).

A blasfêmia contra o Espírito Santo é sempre uma atitude maléfica, obstinada e intencional; e que por isso impede a pessoa de receber o perdão. Mas é importante esclarecer que esse tipo de blasfêmia não pode ser confundido com falas impróprias como as de Jó que, durante o período em que experimentou extremo sofrimento, por diversas vezes protestou contra a severidade de Deus sobre si (cf. Jó 10.1-22). Até mesmo porque, quando alcançou a lucidez, Jó confessou: “... *De fato falei do que não entendia, coisas que me eram maravilhosas demais e eu não compreendia... Por isso me desprezo e me arrependo no pó e na cinza.*” (Jó 42.3, 6). E como podemos conferir no final do seu livro, Jó alcançou a graça divina. Isso porque “*Deus não levou em conta os tempos da ignorância*” (cf. Atos 17.30) de Jó. E assim acontece conosco em alguns momentos. Muitas vezes a dor, a adversidade, a ignorância, a falta de um relacionamento mais íntimo com Deus, nos impede de raciocinar conforme deveríamos, nos levando a falar certas coisas para sobre quais nos arrependemos algum tempo depois. Até mesmo a família de Jesus pensou que ele estava fora de si (cf. Marcos 3.21), e nem por isso foram excomungados por Deus.

Muitos dos servos mais fiéis de Deus, desde Paulo até John Sung, o grande evangelista do sudeste da Ásia, foram acusados de blasfemar contra o Espírito Santo. Porém, os escribas que haviam descido de Jerusalém em uma comitiva especial de inquérito, disseram que Jesus não estava louco, mas possuído por um demônio. Isso parece significar o ato de fechar deliberadamente o coração e a mente para o testemunho do Espírito de Jesus, algo de que os escribas tinham acabado de se mostrar culpados. Tal distorção da verdade, voluntária e deliberada, torna impossíveis o arrependimento e a salvação, pois fecha a única porta para a salvação. Não é que Deus não esteja disposto a perdoar, mas que a pessoa em questão não está disposta a receber o seu perdão. Se ainda tememos a possibilidade de sermos culpados desse pecado, isso é um sinal bastante claro de que nós não o cometemos e não corremos o risco de cometê-lo.²

¹ STRONG, James. *Dicionário Bíblico de Strong*: Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong. Barueri: SBB, 2002. 1.352 p.

² CARSON, D. A.; FRANCE, R. T.; MOTYER, J. A.; WENHAM, G. J.. *Comentário bíblico Vida Nova*. Trad. Vários tradutores. São Paulo: Vida Nova, 2009. 1438 p.